

FÓRUM INTERSINDICAL SAÚDE – TRABALHO – DIREITO

Boletim Informativo - Fevereiro 2020 - ANO V - Nº 54



Saúde do Trabalhador: Quem me leva os meus fantasmas

EDITORIAL*

Fantasmas povoam os dias e as noites dos trabalhadores. Especialmente daqueles que não tiveram acesso a rendas familiares médias que lhes propiciassem condições mínimas de uma vida digna desde a infância. E que lhes possibilitassem acesso a uma educação plena, capaz de lhes oferecer melhores opções de trabalho. E que lhes impedissem de trabalhar desde a idade mais precoce. E que lhes oferecessem moradia e atenção à saúde condizentes com direitos humanos básicos. E que lhes protegessem de uma ordem social que lhes atravessa com violência, racismo e um machismo estrutural. Ou seja, a maioria dos trabalhadores brasileiros vê-se hoje rodeada de fantasmas. O fantasma do desemprego, o fantasma da miséria, o fantasma da fome... e tantos outros ... fantasmas ... Fantasmas não são tocáveis. São sombras que pairam e aterrorizam. Invisíveis, estão presentes causando medo e sofrimento. O Brasil hoje é a pátria dos fantasmas. Fantasmas fascistas, fantasmas da violência contra as mulheres, contra os negros, contra os milhões de brasileiros vivendo em comunidades precárias. Fantasmas das enchentes, fantasmas que assombram os índios, os ribeirinhos, os camponeses humildes, os desalojados, os sem-teto e sem-terra, as marisqueiras, os pescadores artesanais, os expulsos de suas casas e de suas terras. [Pedro Abrunhosa](#), cantor e compositor português, nascido em 1960, entende de fantasmas. A música *Quem me leva os meus fantasmas*, cantada por [ele](#) ou por [Maria Bethania](#) é a trilha sonora de uma tragédia que se abate, pouco a pouco, sobre os trabalhadores e, claro, sobre sua saúde.

De que serve ter o mapa / Se o fim está traçado
De que serve a terra à vista / Se o barco está parado
De que serve ter a chave / Se a porta está aberta
De que servem as palavras / Se a casa está deserta?
Aquele era o tempo em que as mãos se fechavam
E nas noites brilhantes as palavras voavam
Eu via que o céu me nascia dos dedos
A ursa maior eram ferros acesos
Marinheiros perdidos em portos distantes
Em bares escondidos / Em sonhos gigantes
A cidade vazia da cor do asfalto
Alguém me pedia que eu cantasse mais alto
Quem me leva os meus fantasmas?
Quem me salva dessa espada?
Quem me diz onde é a estrada?
Aquele era o tempo / Em que as sombras se abriam
Em que homens negavam o que outros erguiam
Eu bebia da vida em goles pequenos
Tropeçava no riso, abraçava de menos
De costas voltadas não se vê o futuro
Nem o rumo da bala / Nem a falha no muro
E alguém me gritava com voz de profeta
Que o caminho se faz entre o alvo e a seta

*Os editoriais do Boletim expressam a opinião da coordenação do Fórum Intersindical e nem sempre a de todos os participantes. A cada reunião ordinária, os editoriais são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.

Nesta edição

| | |
|---|-----|
| Editorial – ST: Quem me leva os meus fantasmas | 1 |
| Série – Os grandes crimes [nº 3 – Elevado Paulo de Frontin] | 2-3 |
| Artigo do mês – Trabalho E... Filosofia | 4-5 |
| Perfil Sindical – Sindicatos unidos... | 6 |
| Trabalhadores Anônimos – Rendeiras de Bilro | 7 |
| Saúde do Trabalhador é ARTE... | 8-9 |
| Informes | 10 |

De costas voltadas não se vê o futuro
Nem o rumo da bala / Nem a falha no muro
E alguém me gritava com voz de profeta
Que o caminho se faz entre o alvo e a seta

Os ingredientes para transformar o Brasil numa mansão mal-assombrada estão dados. A combinação promíscua entre igreja e governo evoca fantasmas da Idade Média. O caminho árduo percorrido, durante séculos, para separar Igreja e Estado, desde o Iluminismo europeu, iniciado lá pelo século XVI, corre riscos de ser despavimentado no Brasil.

Quem leva os meus fantasmas?

Quem me salva dessa espada?

Quem me diz onde é a estrada?

Os direitos trabalhistas iniciados na Revolução Industrial, há mais de duzentos anos, foram conquistas que, mesmo tímidas, tentavam diminuir a voracidade inesgotável do capital. Muito suor, muito sangue e muita luta da classe trabalhadora foram, pouco a pouco, trazendo alguns ares mais puros para renovar o enfrentamento da opressão no trabalho.

Um pouco de oxigenação no ar irrespirável da exploração do trabalho.

Pois, agora, inacreditavelmente, tudo se desmilingue como castelo mal-assombrado de cartas.

Quem me leva os meus fantasmas?

Quem me leva os meus fantasmas?

Quem me salva desta espada e me diz onde é a estrada?

Os direitos previdenciários que há mais de 100 anos passaram a fazer parte da vida dos trabalhadores, garantindo-lhes pensões, aposentadorias, amparo na doença, entre outros, estão sendo aniquilados a tiros de fuzil. E o pior é que aos jovens que estão ingressando no mercado de trabalho, principalmente os que se consideram empreendedores individuais, não lhes parece tocar esse tipo de direitos. Não lhes importa a luta secular dos trabalhadores para os conseguirem a duras penas. Talvez, em sua maioria, os jovens nem saibam. Há um fantasma do futuro desamparo à espreita.

Quem me leva os meus fantasmas?

Quem me salva dessa espada?

Quem me diz onde é a estrada?

Enfim, um modelo econômico cada vez mais concentrador de riqueza e excludente, combinado ao combate sistemático da cultura, da arte livre, da imprensa investigativa e crítica, da liberdade de culto, da diversidade, dos direitos humanos e à defesa de um Estado violento e legitimador de frentes de barbárie que, a olhos vistos, se aproxima cada vez mais do nosso cotidiano. Para onde estão nos levando iremos como carneiros ao sacrifício?

Quem me leva os meus fantasmas?

Quem leva os meus fantasmas?

Quem me leva?

■ ■ ■

SÉRIE
SÉRIE

OS GRANDES CRIMES NÃO DEVEMOS ESQUECER

Nº 3

Desabamento do Elevado Paulo de Frontin/Rio de Janeiro

Pesquisa e Texto: Rosângela Gaze



Tragédia. O elevado que caiu no cruzamento da Rua Haddock Lobo com a Avenida Paulo de Frontin 20/11/1971 / Arquivo

<https://arquivo.oglobo.globo.com/em-destaque/em-novembro-de-1971-elevado-paulo-de-frontin-desabou-matando-29-pessoas-10808571>

O ditador - O Presidente do "Milagre Econômico", das portentosas obras (p.ex.: Transamazônica/1972 e a Ponte/1974) e dos "anos de chumbo" - o ditador militar Emílio Garrastazu Médici - esteve no poder de 1969 a 1974. Durante as trevas daquela época, o Brasil, campeão em acidentes de trabalho (e tricampeão mundial de futebol em 1970), foi motivo de críticas internacionais, inclusive do Banco Mundial que ameaçou com sanções [Vasconcellos, 2011]. E nas trevas do atual des-governo, quando pretendemos agir para impedir maior retrocesso? O cruzamento onde ocorreu a queda do elevado é uma via de acesso importante aos cariocas e, no final da manhã daquele sábado, 20/11/1971, por ali transitavam trabalhadores, possivelmente retornando do meio-expediente ou em horário de almoço.

Àquela ocasião, vigorava a proteção trabalhista ao acidente de trajeto, instituída em 28/11/1967, direito retirado pela Medida Provisória nº 905 ["Programa Verde e Amarelo"], em 12/11/2019. A investigação das causas da queda do elevado escancarou disputas de poder e a reparação de danos irreparáveis às vítimas são um primor da desfaçatez e do cinismo que permeiam a execução e a irresponsabilidade nas obras públicas. O corporativismo não poupou esforços em defesa da competência do Engº Marques de Souza. Nos dias seguintes ao crime, a Sobrenco [empresa presidida por Marques Souza] e o Sindicato (patronal) Nacional da Indústria da Construção de Estradas, Pontes, Portos, Aeroportos, Barragens e Pavimentação publicaram notas na imprensa alegando não terem como explicar os motivos do desmoronamento. Ambos manifestavam solidariedade às famílias e o sindicato patronal estendeu a consternação à Sobrenco, sendo seguido pelo Clube de Engenharia) e pela Associação Brasileira de Empreiteiros e Obras Públicas que pressionava o Governador Chagas Freitas (que propunha a contratação de empresa francesa), a analisar objetivamente os fatos, evitando o "colapso de obras em benefício do bem comum e do prestígio da engenharia nacional".

A reconstrução do trecho desmoronado do elevado Paulo de Frontin, o reforço e a extensão até o Campo de São Cristóvão [hoje parte da Linha Vermelha] foi executada pela Secretaria de Obras/RJ e inaugurada em 29/12/1974, três meses antes do término do mandato do Governador Chagas Freitas (1971-1975).

RESUMO

O desabamento do *Viaduto Eugène Freyssinet* (nome oficial) aconteceu em 20 de novembro de 1971, sábado ao final da manhã, soterrando 48 pessoas, 29 mortas, 19 feridas gravemente com algumas amputações no local, e outras dezenas atingidas em menor gravidade. O trecho que caiu, de 112 metros com 120 mil toneladas de concreto, situava-se no cruzamento da Rua Haddock Lobo com a Avenida Paulo de Frontin (Tijuca). Atingiu 22 carros, um caminhão e um ônibus da Linha 415/Usina-Leblon (parados no sinal) e poucos puderam ser resgatados com vida/ferimentos graves e dois corpos foram recolhidos 10 dias após este crime. Os laudos periciais apontaram falha no sistema de protensão (técnica que aumenta a resistência do concreto mediante a aplicação de pressão aos cabos de aço antes da cura do concreto evitando sua ruptura sob carga vertical). Outras versões também circularam nas fontes pesquisadas, dentre essas, a de corrosão por estresse, "abertura das janelas de inspeção na estrutura" (Pereira Gomes, 2017, p.31-32) e passagem de um caminhão betoneira de oito toneladas de concreto (visto em [fotos do desabamento](#)).

Em depoimentos à 21ª Vara Criminal, a Construtora Sobrenco (contratada pelo Estado), na figura do presidente Engº Sérgio Marques de Souza e dos onze engenheiros responsáveis pela obra, afirmou desconhecer as causas do desabamento e sugeriu que a perícia realizasse pesquisa mais meticulosa adicionando outros elementos (Correio da Manhã, 20/04/1972, p.7). Foi condenado à reclusão por um ano, quatro meses e dez dias" em 21/08/1974 mas não a cumpriu devido a efeito suspensivo [suspensão da pena mediante elementos legalmente previstos] (Coppe/UFRJ, 2011, p.191).

Diversas agremiações da engenharia civil brasileira prestaram-lhe solidariedade e sustentaram sua competência para estar à frente da construção da Ponte Rio-Niterói, sob a responsabilidade do "Consórcio Construtor da Ponte Rio-Niterói", cuja obra em meados de 1970 estava atrasada em cerca de um ano (Coppe/UFRJ, 2011). Disputas técnicas, políticas, cifras, prazos, atrasos e determinações do ditador Médici envolvendo esta Ponte parecem ter contribuído nas questões que envolveram o Viaduto. Ao saber do atraso nas obras da Ponte, Médici baixa um decreto (26/01/1971) desapropriando o Consórcio Construtor e cria a empresa pública Ecex, cujo comando foi entregue às construtoras Camargo Correa, Mendes Jr., Sergio Marques e Rabelo (Coppe/UFRJ, 2011). O trânsito caótico na região, com reflexos por toda a cidade, perdurou meses. O elevado foi inaugurado em 1974. As vítimas e familiares começaram a receber indenizações em 1977 (O Globo, 28/07/1977, p.12; O Pasquim, 1977, p.23 - Ano IX, n. 425-19-25/08/77).

Fórum Intersindical - Se você tem alma, o que falta p'ra se indignar?

"Crimes do Estado contra a Saúde-Trabalho-Ambiente!"

PRÓXIMO

(Nº4) Ponte Rio-Niterói / RJ / 1968-1974

continua

É muito estranho resguardar a placidez dos

"Crimes do Estado contra a Saúde-Trabalho-Ambiente!"

O Elevado e a Ponte - A Ponte Rio-Niterói, cujos 'acidentes' já haviam ceifado a vida de muitos trabalhadores, era fator de disputa na engenharia nacional. O atraso na "obra do século" teria acirrado rivalidades que viam nisto a oportunidade da troca de comando? As obras do elevado e da ponte ocorriam simultaneamente e envolviam prestigiadas escolas de engenharia. As contendas por poder e dinheiro teriam influenciado o andamento dessas construções? O Eng^o Fernando Lobo Carneiro participou da comissão técnica formada por Chagas Freitas cujo laudo entregue em janeiro de 1972 apontava a abertura da janela de inspeção como a razão central da queda. Alterações de ambas as partes se sucederam, retardaram a solicitação de indenizações por parte das vítimas e seguradoras, e a COPPETEC-UFRJ assumiu a responsabilidade pela execução das obras de recuperação e finalização do elevado. Lobo Carneiro (p.181) desempenhou papel central também na troca das empreiteiras da Ponte Rio-Niterói entre 1970-1972, pelo questionamento de aspectos técnicos da obra cuja 'solução' do impasse foi 'sacramentada' pelo mesmo ditador 'campeão de acidentes de trabalho', Médici, que entregou o término da Ponte à ECEX, empresa pública criada para este fim, sob a responsabilidade das construtoras Camargo Correa, Mendes Jr., Sergio Marques e Rabelo. Nomeado diretor-presidente da ECEX em janeiro/1971, Sérgio Marques não chegaria a finalizá-la em virtude da queda do descrédito público pela queda do viaduto. Três meses depois do *Paulo de Frontin*, a *Ponte Presidente Costa e Silva* (nome oficial) foi inaugurada em 04 de março de 1974, dias antes do encerramento do mandato de Médici em 15 de março. Ponte que 'concretou' trabalhadores (o quantitativo correto é desconhecido, dos 33 mortos contabilizados pela ditadura a 400 em outras fontes) em outro crime do Estado a ser contado. Aguardem...

As Vítimas? Em julho de 1977, quase 6 (seis) anos após a queda, a Secretaria de Transportes/RJ (DER) publica nota oficial autorizando a celebração de acordo relativo às 22 ações indenizatórias em curso (13 de danos pessoais e 9 materiais, dentre estes os das companhias de seguro).

A nota publicada no O Globo (28/07/1977) explicita os nomes das vítimas e a 'situação' dos processos, com destaque para o caso de "José Carneiro Filho, com perda das duas pernas, à época ainda em fase de perícia."

O Pasquim - Abalada a cada passo desta pesquisa encontrei um sopro de esperança no Pasquim que compartilho reafirmando que a solidariedade entre nós, trabalhadores, e a indignação não pode faltar! Amadeu, *estamos condenados a perseverar!*

[O Pasquim, 1973, p.3]

Ainda o Pasquim

[O Pasquim, 1977, p.23]

Em tempos sombrios, na época da ditadura militar (1964-1985), o jornal Pasquim era um oásis no deserto.

O Brasil respirava por aparelhos e pela imprensa livre entrava oxigênio nos pulmões da cidadania. O crime do Elevado Paulo de Frontin não passou despercebido por aqueles jornalistas geniais e corajosos na trincheira de luta pela democracia. É preciso estar atento, o Brasil vive hoje tempos semelhantes...

Aqui no Estado do Rio de Janeiro o problema da explosão demográfica está sendo eficazmente resolvido pela iniciativa privada. Os esquadrões da morte através de seus "Pintados" e "Ciganos" vão tornando cada vez mais desnecessária a distribuição de anticoncepcionais pelo governo, proporcionando assim uma grande economia de divisas. Os últimos cálculos indicam até um ligeiro déficit populacional na Baixada Fluminense.

Diga-se, a bem da verdade, que os esquadrões não estão só nesta dura e patriótica faina. Contam com a inestimável colaboração de alguns médicos, engenheiros e outros tanatologistas do país. Um não-atendimento aqui, outro acolá, um choque anafiláticozinho, um descuido pós-operatório e vai-se vivendo (os médicos, é claro)...

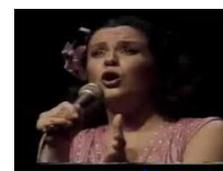
Já os engenheiros, para usar uma antiga gíria, eles continuam "deixando cair". Lembrem-se do **Viaduto Paulo de Frontin?** Só agora as vítimas do desabamento — nem todas — começam a receber indenizações de acordo com uma tabela tipo Sunab:

Uma perna com osso: Cr\$ X

Uma perna sem osso: Cr\$ Y

Agora mesmo no Estácio acaba de desabar mais um prédio, ao que parece, por erro do calculista. Mas este se defende alegando que deu defeito na sua maquininha de calcular.

IMBECIL É QUEM PASSA POR BAIXO
As vezes a irresponsabilidade e o cinismo dos técnicos nos deixam boquiabertos. Somos leigos em determinados assuntos mas sabemos, pelo menos, que o número de incompetentes não é privilégio de nenhuma classe, e que a natureza os distribui sabiamente, em proporções absolutamente iguais, por todas as profissões, por mais "misteriosas" que pareçam. Por isso me parece apenas sinistra a declaração do engenheiro diretor do Departamento de Estradas de Rodagem depois que 12 caminhões cheios de areia passaram (um teste) sobre o que resta do viaduto Paulo de Frontin. Depois da passagem as fissuras na estrutura eram visíveis. Disse o engenheiro: "O fato é normal, previsto tecnicamente: apenas confirma a necessidade de reforçar a obra." Coisa semelhante os doutores disseram quando os debilitados operários lhes avisaram que a Gameleira estava estalando, quando idiotas leigos acharam que o Supermercado Ideal não parecia seguro, quando débeis-mentais parentes dos mortos embaixo deste mesmo **Viaduto Paulo de Frontin** tiveram a ousadia de dizer que a obra em questão não tinha sido bem fiscalizada. Ainda bem que eu só ando de avião.



ouça a música

O bêbado e a equilibrista - "Caía a tarde feito um viaduto" (o *Paulo de Frontin*) é um verso de Aldir Blanc para a canção "O Bêbado e a Equilibrista" que João Bosco compôs em 1978 para homenagear Charles Chaplin falecido no Natal de 1977 (Autran, 2020). A música, na voz de Elis Regina, transformou-se em hino aos que lutaram pela Democracia e pelos que foram cruelmente torturados e assassinados nos DOI-CODI [Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna], criado no governo Médici em 02/07/1969, meses depois do Ato institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968. ■ ■ ■

Caía a tarde feito um viaduto [Elevado Paulo de Frontin] / E um bêbado trajando luto / Me lembrou Carlitos [Charles Chaplin] / A lua tal qual a dona do bordel [o governo brasileiro] / Pedia a cada estrela fria [as elites] / Um brilho de aluguel [conluio entre poderes] / E nuvens lá no mata-borrão do céu [as cortinas de chumbo] / Chupavam manchas torturadas [TORTURA] / Que sufoco! [DOI-CODI] / Louco, o bêbado com chapéu coco [Chaplin] / Fazia irreverências mil / P'ra noite [Ditadura] do Brasil, meu Brasil / Que sonha com a volta do irmão [Betinho] do Henfil [Cartunista do Pasquim] / Com tanta gente que partiu [artistas e intelectuais perseguidos, exilados] / Num rabo de foguete [fugir ou morrer estraçalhado] / Chora a nossa pátria, mãe gentil / Choram Marias [mulheres dos 'suicidados' e assassinados pela ditadura] e Clarices [Mulher de Herzog, 'suicidado' no DOI-CODI/SP] / No solo do Brasil / Mas sei que uma dor assim pungente / Não há de ser inutilmente [resistência e luta] / A esperança dança / Na corda bamba de sombrinha [desafio] / E em cada passo dessa linha / Pode se machucar [repressão] / Azar, a esperança equilibrista [a esperança precisa permanecer] / Sabe que o show de todo artista / Tem que continuar [perseverar]

Amigos, parentes, colegas, vizinhos, conhecidos, estranhos podem eleger fascistas, não importa a razão, mas não matarão a nossa crença em defesa dos trabalhadores, nos direitos humanos, na dignidade das pessoas, na justiça justa, numa sociedade melhor...

artigo
do mês

Nº 1 Trabalho E Corpo
 Nº 2 Trabalho E Território
 Nº 3 Trabalho E Emancipação
 Nº 4 Trabalho E Delírio

Nº 5 Trabalho E... Filosofia

*Eguimar Felício Chaveiro**
*Luiz Carlos Fadel de Vasconcelos***

Drummond, talvez justificando a si mesmo, foi categórico: só é possível fazer filosofia andando a pé. Gilberto Gil, com gesto poético, enunciou: SE EU QUISER FALAR COM DEUS TENHO QUE ESTAR NU. Mas não é fácil tirar a roupa: os da família vão nos dizer que estamos loucos; os vizinhos ligarão para a polícia; os religiosos nos chamarão de blasfêmicos; a polícia nos levará à cadeia. Lá, é melhor não ficar nu...

Não é fácil ficar nu, inclusive porque a própria pele pode ser revestida de mentira e de hipocrisia. Abaixo da pele, o sangue pode correr em nome do algoz; abaixo do sangue, ou no centro do intestino, poderemos estar sorvendo agrotóxico.

O pulmão pode estar respirando ar contaminado cheio de dióxido de carbono. Também não adianta se desesperar.

Não adianta parar o relógio; nem adianta fingir que não está vendo, não está sentindo, não está metido na encrenca.

Avaliar a própria fragilidade e não ser vencido por Ela; cobrar uma atitude e não se render à cobrança. Espalmar as mãos ao sol, olhar as linhas, o sotaque do pulso, o caminho das veias até o sovaco. Ajeitar os passos. Só é possível fazer filosofia andando a pé. Andar a pé é o trabalho que derrota a filosofia dos sentados.

Carteiros, flanelinhas, catadores, vendedoras da Avon e da Natura, pesquisadores do IBOPE, agricultoras familiares: verdadeiros filósofos da práxis.

Catadores de laranja, pulverizadores de agrotóxicos, tocadores de boiada, entregadores de pizza, pedintes desempregados, marisqueiras, guardadores de automóveis, recenseadores do IBGE: verdadeiros pragmáticos da filosofia. Todos esses trabalham andando a pé para filosofar sobre o trabalho. Extenuados, ao fim de cada jornada, expelem sua filosofia pelos líquidos que lhes sobram dos corpos desidratados: lágrimas.

Por ser baseada nos dilemas da existência humana e na razão e por não ser baseada na divindade e na fé, para filosofar é preciso andar a pé. E trocar a razão pela razão.



Ou, para que serve a filosofia, a ciência e essas ocorrências? Ou qual alternativa?

Lograrão os doutores, acadêmicos como nós, respostas como nós, os anêmicos das grandes perguntas, que não as exultamos? Simplificar talvez seja a única alternativa. Como saber?

Tentando. Simplifiquemos. O trabalho é a glória das grandes filosofias. Filósofo sequer filosofou sem ter o trabalho como sustento de sua sabedoria. Nem o pão, nem a cadeira, nem a pena tradutora de suas ideias foram-lhes agraciados sem trabalhadores nas sombras agraciando-lhes. Nenhum entre todos construiu o palco para sua retórica, tampouco sequer algum teceu o pano que enxugou o suor de suas testas pelas respostas não dadas sobre os grandes mistérios, sem trabalhadores por ali, construindo os palcos e tecendo os panos. Simplificar é isso. Filosofar a favor. A favor de que para serem favorecidos - os filósofos - é preciso favorecer aos que lhes favorecem para que respirem. É muito simples falar de Filosofia e Trabalho.

Para fazer a filosofia do trabalho, é preciso andar a pé, depois aprofundar o filosofar engatinhando, joelho ralando no chão, para, finalmente, aprofundar o pensamento filosófico sobre o trabalho rastejando, rastejando como rastejam os trabalhadores catadores de siris, os trabalhadores do esgoto, os peões da construção civil, os trabalhadores que desencavam seus iguais soterrados pelos crimes do Estado e os soldados da construção naval que rastejam nos porões dos navios que transportam grãos de soja e petróleo.

Rastejam para que os navios não afundem e tragam mais riqueza para os ricos do país e mais miséria para os trabalhadores do país.

Se a filosofia pretende compreender o ser e suas perguntas não são respondidas pela ciência, em matéria de trabalho, algo está errado com a filosofia ou com a ciência ou com ambas.

Se não for assim o erro está no ser. Aí então é melhor ficar nu e ir direto para a delegacia mais próxima. Delegacia de crimes ontológicos.

Mas, se há alguma alternativa ao ser humano e seu trabalho, além da filosofia e da ciência, nosso papel é perseguir-la, caminhando pé a pé.

Se as éticas aristotélica, kantiana, marxiana e dos demais filósofos e cientistas ético-dependentes não conseguiram colocar os trabalhadores de pé, andando com seus peitos estufados de orgulho e prazer por construir o mundo dos que lhes oprimem, para então se levantarem contra eles, qual o endereço da delegacia?



Nº 5 Trabalho e Filosofia

Basta falar que filósofos que filosofam contra trabalhadores são traidores da essência da filosofia. Charlatães. Por analogia óbvia, e extensão mais ainda, cientistas, economistas, médicos e seminaristas idem. E professores que professam a legitimação do trabalho que mata. Todos charlatães. Palavras quando registradas devem ter o pudor de medir o grau de verdade, para não provocar defensores de charlatães, advogados, por exemplo, defensores do indefensável, ao tratarem de trabalho filosoficamente, como se o sofrimento no trabalho fosse abstração, filosofia pura ou direito impuro. Para simplificar ainda mais. O bom filósofo, especialmente aquele que filosofa como profissão, ao filosofar sobre o trabalho deve ter em sua mochila papel, caneta e uma chave-de-fenda cheia de graxa. Talvez um pão com mortadela para sustentar a fome em suas caminhadas, por honra aristotélica, mas *pari passu* a seus camaradas cheios de graxa e iluminados da graça de serem artífices do mundo.

Porque filosofar sobre a morte no trabalho e sobre o suicídio pelo trabalho (ou pela ausência do trabalho) ou sobre o adoecer no trabalho ou sobre o sofrimento no trabalho, sem andar a pé e meter o pé na lama é fraudulento. Basta de fraudes e fraudulências! Palavras registradas devem perder o pudor para mostrar o grau infinito de verdade. Filosofia-ciência-direito-medicina-economia são matérias engatadas como vagões de um trem que leva os trabalhadores ao abismo da desesperança e do desespero. A hipocrisia, assim como a Via Láctea, tem limites. Se há filosofia sentada ela tem que alevantar e começar a andar a pé ... furar de tanto andar a sandália recebida ‘em bom estado’ de um catador, em agradecimento ao prato de comida numa *black friday* qualquer ... talvez eles (os filósofos) vejam que a tal da vã filosofia, por ser demasiadamente vã, jamais tenha visto o que precisa ser visto ...

A filosofia quando pensa o trabalho e o Ser trabalhador terá que sair a pé pela selva. Deixar de lado o ‘miau’ do aconchego doméstico e emitir o seu rugido para enfrentar a ferocidade dos opressores. A academia, cria de Platão, filósofo puro do sovaco ao cerebelo, na maior parte das vezes prepara “filósofos” para tratarem do trabalho como coisa menor das coisas do mundo.

Não fora assim, seus “filósofos” egressos, espalhados por aí pelos parlamentos, pelos palacetes da justiça, pelos porões das políticas públicas, pelos escritórios de economistas e advogados, pelos consultórios de médicos do trabalho não estariam tramando, contribuindo, corroborando e, mesmo, aplaudindo a nova barbárie no mundo do trabalho. Retirar direitos dos trabalhadores é a “filosofia” da moda que, tal doença altamente contagiosa, coloca a doença, o sofrimento e a morte no trabalho como consequência inevitável dessa peste.

Há muita filosofia e trabalho para ser filosofada, principalmente quando se resolver filosofar seriamente sobre as grandes perguntas, tais como, por que isso? Por que isso? Por que? ■■■

NOTA dos EDITORES

A produção acadêmica de textos, ditos científicos, não é acessível ao cidadão ‘comum’. Os milhares e milhares de textos produzidos e armazenados em revistas científicas, todos os anos, são lidos apenas entre os pares, ou seja, entre os mesmos que os escrevem. Ficam armazenados nas estantes de uma ‘ciência’ hermética, discriminatória e descolada da sociedade que, para ser conhecida do público, tem que ser traduzida nos jornais, revistas ‘leigas’, boletins, televisão, blogs, vídeos da internet, no boca-a-boca. No caso da saúde do trabalhador, essa situação é mais grave, pois o que se escreve sobre o tema deveria ter como alvo principal de divulgação, ora pois, os trabalhadores! Não é o que ocorre. Revistas ‘científicas’ que tratam da saúde do trabalhador não são “para o bico” dos trabalhadores comuns. E, cada vez mais, são cada vez menos “para o bico” dos próprios pesquisadores da saúde do trabalhador. São muitos os obstáculos para que nós, acadêmicos, professores, militantes, profissionais da saúde do trabalhador consigamos publicar em revistas ‘científicas’. Os julgadores dos textos são rigorosos, cujo rigor, guardado pelo anonimato, é de credibilidade duvidosa. Querem mudar conteúdo, questionar opiniões, mudar o método, mexer na alma do que está escrito. Além disso, revistas ‘científicas’ cada vez mais cobram para publicar, exigem tradução para o inglês, levam meses e até anos para dar respostas se aceitam ou não o artigo que parece ser tido como uma ameaça para uma estética científica de caráter dúbio e que não está preocupada em massificar e democratizar o conhecimento produzido. É com este espírito de resistência que a seção de artigos do Boletim do Fórum Intersindical pretende ser um espaço aberto e democrático de reflexão e difusão de conhecimentos. Mande seu texto. Participe!

* Eguimar Felício Chaveiro. Geógrafo, livre docente na Universidade Federal de Goiás e pós-doutor em Saúde Pública pela ENSP/Fiocruz

** Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos. Pesquisador do Depto. de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural da Ensp/Fiocruz

Os artigos desta seção são cartas de resistência, escritas por pessoas que ainda acreditam que os trabalhadores são seres humanos. São cartas de resistência escritas para os que se acham donos do país, ora por serem políticos, juízes e governantes que defendem o poder econômico - dos que tratam os trabalhadores como animais de caça -, ora por serem cidadãos omissos que sustentam o adoecimento e a morte no trabalho.

Fórum Intersindical
Condenados a Perseverar
(Amadeu Alvarenga)



Diógenes
John William
Waterhouse
1882

https://pt.wikipedia.org/wiki/John_William_Waterhouse

https://pt.wikipe-
dia.org/wiki/Fic-
heiro:Waterhous-
e-Diogenes.jpg

PERFIL
SINDICAL

Sindicatos unidos jamais serão vencidos!

As Oficinas Temáticas do Fórum Intersindical (25 de outubro e 29 de novembro) trouxeram a voz dos trabalhadores e trabalhadoras sobre o que se passa no Brasil de hoje, em que os direitos vêm sendo atacados e, nesse cruel ataque, os sindicatos de trabalhadores são uma espécie de cobaias da crueldade em termos de retirada de direitos dos trabalhadores. Nesse espaço, durante algumas edições do Boletim, vamos trazer as falas sintetizadas de todos os dirigentes sindicais que participaram das Oficinas.

A 2ª mesa (29/11/2019) foi coordenada por Lucia Souto, presidente do Cebes [Centro Brasileiro de Estudos de Saúde], com a participação de Nelma (Sindsprev); Regina (Sintuperj); Luiza (SindSaúde); Edna (Sind. Telecomunicações); Angela (Sindicato Rodoviários); Raimunda (Sindicato Metalúrgicos). Lucia Souto faz breve introdução, ressaltando o momento crítico da civilização humana, atual, não só no nosso país mas globalmente. Daí, assinala a importância de melhorar nossa organização e aperfeiçoar nosso trabalho.

Luiza Dantas inicia o debate. Diretora do SintSaúdeRJ [Sindicato dos trabalhadores no combate às endemias e saúde preventiva no Estado do Rio de Janeiro], é coordenadora da CISTT [Comissão Intersetorial de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora]. Assinala o debate apaixonante que propicia poder para encarar a luta, especialmente no momento em que mais do que lutar por emprego, as mulheres negras estão lutando no RJ pela sobrevivência. *“A luta por sobrevivência é tão intensa quanto a luta por trabalho.”* Num momento de alto desemprego e precarização do trabalho é preciso refletir e buscar estratégias de ação e de resistência. *“Ontem eu fui ao sindicato dos metalúrgicos, foi importante o debate, um debate rico, onde tinha um representante do governo do estado que dizia que ele defende o ser humano e que torcia para que não acontecesse essa bagunça que está acontecendo no Chile. E a gente aqui torcendo p'ra bagunça do Chile chegar aqui o mais rápido possível.”* Na conjuntura atual, Luiza observa que a militância *“não conseguiu entender o momento nem os atores.”* *“Mas quando a gente viu o ‘Ele não’ antes da eleição; o ‘Ele não’ foi um movimento que nos surpreendeu, as mulheres deram o recado de uma forma fantástica. Nós somos capazes, isso vai acontecer. ... estar aqui com maioria de mulheres negras nesse Fórum é importante, é um recado que se dá.”* Luiza observa que a luta das mulheres é séria e de responsabilidade por ter que provar sua capacidade, vencendo o machismo, o desemprego, a tripla jornada... E, como se não bastasse o governo que se instalou traz uma carga imensa de agressão de gênero e à classe operária. Não resta mais nada a fazer a não ser lutar e resistir. *“A gente toda hora encontra com alguém ... que é tão igual a quem ele votou. Dá uma tristeza, uma sensação ruim que a gente tem que o tempo todo. ... vencer esse momento não dá p'ra fugir ... cada um desses que se sente empreendedor, autônomo, na verdade está sobrevivendo.”* *“A reforma trabalhista veio p'ra destruir a classe trabalhadora. ... um trabalhador que está aí com uns 50 anos já sentiu que perdeu, sentiu que vai ter que trabalhar mais alguns anos, mesmo que tenha votado n'Ele, mas a maioria de jovens não percebeu ainda.*

LUIZA DANTAS
&
EDNA SACRAMENTO



Então, é acreditar até o último momento que vai virar... É preciso que cada um e cada uma de nós faça essa diferença. Eu vou fazer diferença. ... isso não vai durar p'ra sempre. ... temos que mudar, seguir em frente e a classe trabalhadora vai conseguir superar.” Em seguida, uma síntese da fala de Edna Sacramento, diretora de saúde do SINTTEL, militante histórica da saúde do trabalhador no Rio de Janeiro.

“Na reunião passada, quando a mesa era completamente de homens e nossa companheira Raimunda se manifestou, eu me lembrei quando começou minha luta pela exposição a riscos no trabalho. O Carlos Minc e a Lúcia Souto fizeram uma audiência pública (início dos anos ‘90) para falar da saúde das mulheres. ... as telefonistas eram acometidas por LER [lesão por esforços repetitivos] e eu queria saber onde ia arrumar acolhimento... foi daquele espaço que começou minha luta pelas condições de trabalho das telefonistas que estavam sendo acometidas por LER. ... dali, o Carlos Minc comprou nossa briga, com uma lei que amparou as telefonistas ... Eduardo Cunha [Presidente da Telerj – 1991] era um homem muito esperto, virou a chave do 102 [consulta à lista telefônica] para a Bahia, já que a lei estadual daqui não ia abranger as companheiras lá da Bahia. Anos depois, as telefonistas viraram operadoras de telemarketing ... antes, as telefonistas ganhavam cinco salários mínimos. Hoje, o salário, pelo mesmo trabalho, é menor que um salário mínimo e as condições 'muito muito muito' mais precárias, ainda mais agora com esse presidente eleito. Então agora a nossa luta está muito mais desigual. Quando fiquei com LER fui ao sindicato dos médicos. Antes lutando pelas companheiras, a minha mão desmunhecou. Dr. Luiz Tenório foi meu médico assistente ... O Carlos Minc foi minha testemunha porque meu caso foi até Brasília para ser reconhecida como doença do trabalho ... luta! Desde lá estou na luta ... fiz parte do DIESAT com Diana Antonaz e Ricardo Garcia ... foi uma luta muito imensa, agora que a gente vê ... a gente está se sentindo um pouco derrotado porque a conjuntura não está favorecendo, mas o que eu vejo são esses garotos com doença mental, se autoflagelando, tentando suicídio... os operadores de telemarketing agora nem é tanto LER o que vejo é doença relacionada à mente, sabe? ... é muito ruim quando chego lá e vejo um de 45 anos, a idade do meu filho, uma de 19, com a idade da minha neta... Está sendo destruída a adolescência, a juventude, está tudo perdendo o impulso pela troca da mão de obra, troca do trabalho, pela sobrevivência... realmente ... Era mais ou menos isso que eu queria resgatar. ... a gente se sente imponente, sem pernas p'ra continuar essa luta que começamos. ... é com muito pesar que eu faço esse relato porque eu tinha que conseguir mais ... mas regredimos muito, a nossa luta, nossa força, está abalada. ■■■

Trabalhadores
Anônimos

Dando Visibilidade às
Identidades Sociais

“Rendeiras de Bilro”

Observando os pássaros tecendo seus ninhos, o homem começou a tecer fibras para transformá-las em utensílios no caminhar a vida. Acredita-se que a arte de tecer se desenvolveu há 5.000 anos, com a sedentarização das sociedades humanas e domesticadora de animais e plantas (agricultores), pela necessidade de guardar alimentos e sementes e de ocupar o tempo de lazer. O homem se protegia do frio com peles de animais, mas a busca de vestes mais leves e confortáveis motivou-o a tecer fibras de lã, linho e algodão e, mais tarde, de seda, na produção manual de roupas. A arte de fazer rendas data da Idade Média europeia (de 400 a 1400 d.C) e chega ao Brasil, no século XVIII, com as mulheres de colonos portugueses que transmitem sua arte às mulheres brasileiras perpetuando o ofício secular de mãe para filha. Lendas e mitos no tecer do tempo, conta-se que a primeira renda de chumbos [depois substituídos pelos bilros] foi tecida pela noiva saudosa de um pescador no formato de uma alga petrificada com que ele a presenteou antes de ir à guerra (Blog do [Jeffcelophane](#), 2020). O amor e o imaginário popular teceram esta renda mas não se pode negar que o rendilhado das algas e das rendas em muito se assemelham... O zoar dos bilros nos transporta ao universo das rendeiras e à transmissão deste saber familiar em cada região do Nordeste pela criatividade e garra infinitas das mulheres que "fazem renda para fazer renda" no tecido da vida. Os apetrechos e ferramentas da renda de bilro são extraídos da natureza ao redor: almofada de algodão (capim, palha, serragem) e juta, alfinetes dos espinhos do mandacaru e rodilha [apoio para a almofada] de folha de bananeira (A Renda de Bilro da Raposa). Produzidos e adaptados pela rendeira são colocados de modo a tecer em posição confortável. Fazer renda é uma arte! Modificar instrumentos e ferramentas e acelerar ritmos de produção para atender o mercado e reduzir preços (especialmente os pagos às artesãs) é uma forma de exploração do trabalho das rendeiras. Pior, ainda, é o turista endinheirado pechinchar, às vezes p'ra “ganhar” 10 ou 20 reais. Para o turista é o troféu da humilhação da trabalhadora (conseguiu o desconto!). Para a rendeira, muitas vezes é a supressão da carne no armazém. Daí advém as doenças osteomusculares na velhice e não da escolha da melhor posição ergonômica pois 'escolha' é o que as rendeiras deixam de ter ao serem submetidas ao trabalho em escala ([Sá e Silva, 2017](#)). Há gente nesta renda, mulheres rendeiras! Marias Bonitas, Donas Ritocas, Severinas, anônimas doam sua criatividade. Há rendas nestas terras, estilos diversos, múltiplos. Renascença (Pernambuco, Ceará, Paraíba, Alagoas); a Filé (Paraíba, Ceará, Alagoas); Labirinto (Paraíba), Irlandesa (Sergipe). Impossível escolher ou atribuir valor a cada uma dessas obras de arte. Quanta vale uma pintura, uma escultura, uma música, uma fotografia? O que estabelece a cotação de mercado de um artista? De bilro e de agulhas, de traços singelos e tramas difíceis, firmes e delicadas, macias e rudes que se entrelaçam como se estivessem a nos dizer que no tecer está o segredo do viver... no traçado paciente e determinado em que o tempo alinha a renda de um a mil fios em sua formosura... Lembro das mãos de minha avó tecendo toalhas de renda, vestidos de noiva e decorando tudo à sua volta. Guardo com carinho algumas dessas rendas... Trouxe lembrancinhas das rendeiras do Ceará para minha mãe e ouvi-a comentar: "mamãe me ensinou a fazer este ponto, este outro não sei como faz, queria ter tempo de continuar a fazer renda... Essas rendas de máquina que se compram hoje não valem nada..." Gostaria de dizer às meninas do Cariri que o que suas mães querem lhes ensinar é o valor do 'ser' mulher rendeira e viver da sua arte. Arte é vida! O ritmo do tecer a vida - o tempo - não pode ser subjugado ao capital... ■ ■ ■



<https://img.dio7.com.br/product/original/2595E03/toalhinhas-em-renda-de-bilro-24cm-rendadebilro.jpg>

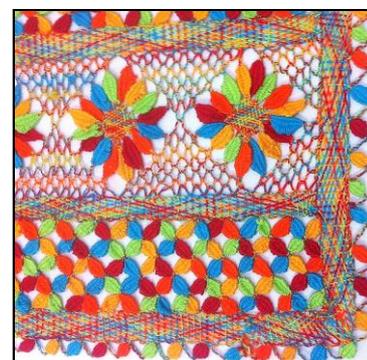
Renda da Terra

*Sua alma, trabalhada no sobressalto ou no exílio,
Sempre a chorar por alguém que foi e não voltou:
- o marido, que, embarcado, Deus sabe o que é dele?...
- um filho que ainda pequeno fugiu para não tornar -
é como a trama da renda da terra,
que a rendeira rebate, e retorce, e pontilha de espinhos,
na ânsia de endurecer a graça petulante de uma traça,
no afã de alindar mais o trocado do ponto de filó,
e sai, tão fina, tão delicada, tão perfeita,
que vocês, meus irmãos do Sul,
mandam buscá-la aqui, na barraquinha anônima das várzeas,
para ostentá-la depois no meio de seu luxo...*

(Raquel de Queiroz, 1946)

Fonte: Revista *O Cruzeiro* (25/05/1946, p.34) [republicação de original de 1929]

Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/003581/49873>



<https://cestariasregio.com.br/wp-content/uploads/2017/06/Toalha-de-handeja-renda-de-bilro-colorida-detache-CESTARIAS-REGIO.jpg>

Pesquisa e texto
Rosângela Gaze
janeiro 2020

A invisibilidade social dos trabalhadores é patente. Seu adoecimento e sua morte ao produzirem os bens e os produtos de consumo que movem a sociedade e a vida, em si mesma, não constam da embalagem. Não está no rótulo do que comemos e usamos que, para chegar em nossas mãos, adoeceram 'x' trabalhadoras, morreram 'y' trabalhadores. A doença e a morte rondam o trabalho. Mas não as vemos. Então, o problema é o trabalho? Claro que não! Sem o trabalho não há vida, não moraríamos, não vestiríamos, não comeríamos, enfim, não seríamos o que somos. E se a invisibilidade da relação saúde-trabalho é evidente com os trabalhadores que têm uma inserção social mais visível, com os trabalhadores anônimos a situação é ainda pior. Trazer à tona suas identidades sociais é o propósito desta coluna do Boletim Informativo. Contribua com ela. ■ ■ ■

Saúde do Trabalhador é Saúde do Trabalhador é ARTE ARTE

Saúde do Trabalhador é ARTE é a seção do Boletim que busca demonstrar que trabalhar sob o jugo da opressão, da discriminação e da exploração é arte. É pura arte trabalhar, onde quer que seja, para construir um mundo em que somente os que detêm os meios de produção, em conluio com um poder político que lhes sustenta, destroem a saúde dos que lhes enriquecem.

Arte pura! Da capacidade de sermos artistas extraímos a capacidade de resistir e sonhar com um mundo em que a Arte pertença apenas àqueles que a fazem.

O trabalhador enganado

*Leticia Barreto Cabral da Silva, 9º ano, 13 anos
Escola Municipal O Pequeno Príncipe*

O trabalhador honesto
Que vive lutando pela família
Procura um trabalho
Na Amazônia perdida.

Um homem sabendo da sua situação
Logo faz uma proposta, estendendo-lhe sua mão.
Jura abrigo, água, alimento e uma bela comissão.
Esse homem que era o "gato" leva o trabalhador

Para sua nova vida.
Quando ele chega lá,
Ela tem é muitas dívidas.
E se não trabalharem direito
Correm o risco de morrer
Enquanto suas dívidas
Não param de crescer.

Enquanto os trabalhadores estão na miséria
Os fazendeiros, às custas dele imperam.
Poucas pessoas conseguem fugir
E as que conseguem se libertar
Logo voltam
Pois a pobreza, sempre, mais alto falará...

■ ■ ■
Poema premiado no Concurso "Educar para não escravizar"
05/11/09

<https://reporterbrasil.org.br/2009/11/poemas-premiados-no-concurso-educar-para-nao-escravizar/>

*Não é certo ser odiado, nem é certo ser venerado.
Não somos deuses e deusas, nem demônios e bestas.
Não queremos uma vida de dor, competição e sofrimento,
mas de dignidade e respeito.*

*Se não fizermos algo a respeito de toda essa gente
que comunga dessas ideias sobrevividas do nazismo,
que vida esperamos para nossos filhos?*

Marcos Besserman - Coluna Opinião - 11/02/2020

A libertação é um chamamento à saúde; é um chute à doença. E isso, lógico, é arriscado, mas arriscada é toda a vida, incluindo a luta pela liberdade. Arriscada é a arte que viaja na contramão dominante buscando esplendor em risos de crianças. E em sutis deslumbramentos. Enfrentar a perversidade, a banalização da vida e da ética; a violência, o militarismo moralista; o conservadorismo atávico e o cristianismo mercador - motes do contexto brasileiro; e enfrentar a desigualdade social, a pobreza, o latifúndio, o preconceito - traços atávicos da sociedade brasileira; e enfrentar as dificuldades das relações, a emoção trepidante - traços da existência humana, exigem atenção a princípios, o que é uma prerrogativa da conversa que temos conosco mesmo. Eguimar Chaveiro - Coluna Opinião - 10/02/2020

Saúde do Trabalhador é ARTE
Sem perder a capacidade de LUTARTE



Seção de filmes e documentários

VOCACIONAL

Uma Aventura Humana

O documentário brasileiro "Vocacional: uma aventura humana", de Toni Venturi, 2011, emociona ao provocar um sentimento de saudade do que gostaríamos de experimentar na adolescência. Venturi nos convoca a uma viagem no tempo pelos depoimentos dos que tiveram oportunidade de estudar ou trabalhar nos "ginásios vocacionais".

Estas escolas foram experiências pedagógicas construídas pela educadora Maria Nilde Mascellani* em São Paulo nos anos 1960 e reprimidas pela ditadura militar. Alicerçada na proposta de que vivenciar a realidade é central ao aprendizado, os "ginásios vocacionais" alcançaram resultados excepcionais através de práticas pedagógicas que valorizaram o protagonismo dos estudantes e a liberdade na construção de saberes. Essa "aventura humana" nos propicia conhecer jovens felizes em ir à escola pela mais deliciosa das motivações: viver e aprender com alegria, igualdade, camaradagem e a sensação de estarem se preparando para o mundo com todas as possibilidades de escolha. Imperdível!

Veja em:

<https://youtu.be/ircyREuDr9Y>

Duração: 1h:17m:45s

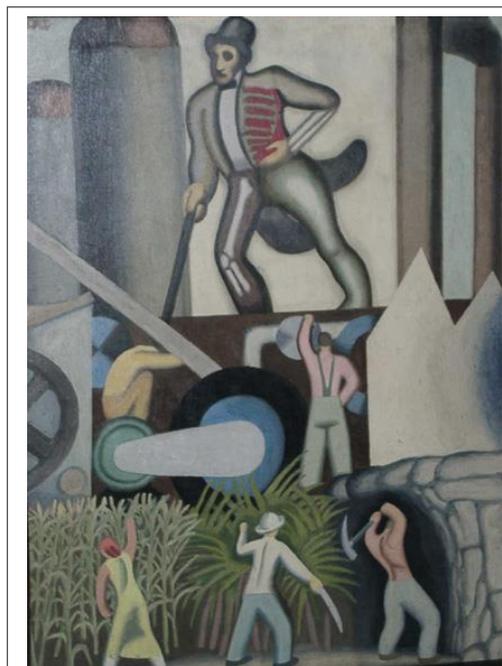
■ ■ ■

* Veja matéria dos Editores da Coluna Opinião.

El Capitalismo

Marcelo
Pogolotti

Museu Nacional
Havana



http://www.galeriacubarte.cult.cu/g_obra.php?&item=14&lang=eng&tipo=&siglo=&page=2&autor=7&tema=81&tematica=Patriotic,%20Military,%20and,%20History,%20Theme&genero=&tecnica=&epoca=&siglo=&soporte=&textsearch=



Saúde do Trabalhador é ARTE
Saúde do Trabalhador é ARTE

Josiah Wedgwood

O medalhão de Wedgwood é a imagem mais famosa de um negro no século XVIII. Encontrada em louças, caixas de rapé, pulseiras, alfinetes, conferindo à moda um papel social de "justiça, humanidade e liberdade", o homem negro ajoelhado parece "dócil e suplicante", em contradição às frequentes revoltas de escravos nas Américas. Esta imagem contribuiu para atrair simpatizantes à causa abolicionista. "Benjamin Franklin declarou que a eficácia do medalhão era 'igual à do melhor panfleto escrito, em favor dos povos oprimidos'." (BBC, 2011)



http://www.bbc.co.uk/history/british/abolition/africans_in_art_gallery_02.shtml

Josiah Wedgwood [Burslem/Inglaterra, 1730-95] foi um ceramista tido como pioneiro na reforma fabril inglesa por introduzir a divisão do trabalho, sistematização da produção e rígida disciplina dos trabalhadores. Enfrentou desafios para realizar suas convicções de que a especialização era primordial. Recrutou artistas na produção em escala e resistiu para garantir agilidade, pontualidade e regularidade. Perfeccionista, adotou treinamentos, manuais de processos, supervisão de atividades, controle de qualidade, quebrando pessoalmente peças fora dos padrões e multas aos trabalhadores [atrasos e descuidos com limpeza e desperdício]. Mas, tomou precauções quanto à nocividade do chumbo. Boas intenções ou ciência de que a saúde é condição para a reprodução da força de trabalho? Era abolicionista, mas autocrático com seus empregados. Capitalistas industriais da primeira fase, como ele, eram contrários à escravidão e ao tráfico de escravos. Sabe-se lá seus motivos. Maior controle da mão de obra? Custos menores? Concorrência internacional? Menos problemas com a justiça? Postura cristã e menos criticável? Crença na liberdade, ainda que opressiva? Organização ordenada do trabalho para otimização dos lucros? Medo? Ou, simplesmente, sentimentos humanitários que acompanham, até hoje, os neoliberais, cujos resultados são a miséria humana? Wedgwood construiu uma força de trabalho seleta e disputada por outros países. Tolerava erros, corrigia-os e desenvolvia ações no sentido do bem coletivo. Mas não admitia rebeliões. Em 1783 puniu com força militar a multidão sublevada, prendendo dois trabalhadores, um destes posteriormente enforcado. Depois, divulgou "Um Discurso aos Jovens Residentes da Cerâmica" solicitando que utilizassem formas pacíficas de reivindicações. Uma filha de Wedgwood casou-se com o filho de seu amigo Erasmus Darwin e assim nasceu Charles Darwin. Foi reconhecido como o "Pai dos Oleiros Ingleses", pelo pioneirismo, inovações, aprimoramento e modificações nos processos de produção das cerâmicas, sua visão estratégica e envolvimento na abertura de canais e estradas e no marketing de comercialização. A porcelana Wedgwood é famosa até hoje com a participação ativa de seus descendentes [Museu Wedgwood, 2020]. Preocupado com as lutas sociais do século XVIII, aparentemente atentava ao bem-estar e às condições de trabalho de seus trabalhadores, alinhando-se a causas abrangentes como as da Independência Americana e da Revolução Francesa. Introduziu a energia a vapor nas fábricas de cerâmica e tornos movidos a motor, criando a produção em escala industrial da arte em cerâmica. Na fábrica de *Stoke-on-Trent, Staffordshire*, inaugurada em 1769, com vila operária, os bordéis, cervejarias e outras diversões não eram bem-vindos. Instalou escolas, hospitais, asilos, orfanatos, bibliotecas etc. Seus trabalhadores dispunham de melhores refeições, moradias, estradas, transportes, ruas pavimentadas, calçadas, iluminadas, drenadas. Em troca, obediência, submissão e trabalho incessante. Não há dúvida que as cerâmicas de Wedgwood são arte pura, lindas peças que enfeitam nossos olhos, mas por trás delas está a ganância humana que, tantas vezes, leva os trabalhadores artistas que as criaram à morte, à humilhação, ao sofrimento. Estamos atentos a isso! ■ ■ ■

Participe. Envie sua foto, seu vídeo, seu poema, seu texto, sua crítica, faça sua arte para registrar sua indignação com a forma como se trata a saúde dos trabalhadores no Brasil.

Fontes

<https://www.youtube.com/watch?v=BTwOElXnP4s>
<https://www.youtube.com/watch?v=DDDB0h8YpFA>
<https://www.youtube.com/watch?v=A4k4A3Xv830>
<https://www.youtube.com/watch?v=OyIWEAMaQj8>

Talvez seja contraditório trazer à tona um personagem controvertido da Revolução Industrial. Provocados por Fernando Gastal, colunista do Blog, estudioso erudito das questões do trabalho, surgiu-nos o personagem **Josiah Wedgwood**. Por suas práticas aplicadas ao processo de trabalho, talvez possamos dizer que Wedgwood foi um precursor, 150 anos antes, do taylorismo. Não é preciso dizer que a "ciência" que auxiliou a opressão e o adoecimento dos trabalhadores já estava na cabeça dos capitalistas inaugurais da Revolução Industrial. Com Wedgwood, o capitalismo industrial começava a mostrar a sua cara. Aparência democrática e ganância desmedida. Exponente ceramista, no alvorecer da Revolução Industrial, Wedgwood ilustra as incoerências (?) do capitalismo. Embora alinhado a causas humanistas na vida política, na gestão de sua indústria aplicou métodos restritivos à liberdade de sua força de trabalho priorizando a produção. Ao lado, vemos o medalhão feito por Wedgwood que percorreu o mundo nos séculos XVIII e XIX, estampados em sua cerâmica. Nele se lê: "AM I NOT A MAN AND A BROTHER?" [EU NÃO SOU UM HOMEM E UM IRMÃO?] Rígido na disciplina, qualificou o trabalho de artistas e a porcelana inglesa, abrindo mercados e postos de trabalho com (talvez) boas condições de trabalho.



Bacchanal, medallion (1777-1780)

<https://www.ngv.vic.gov.au/explore/collection/work/21580/>



Portland Vase.
Josiah Wedgwood and Sons
(cerca de 1790).

Indianapolis Museum of Art,
Indianapolis, Indiana, USA

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Portland_Vase,_Wedgwood_-_Indianapolis_Museum_of_Art_-_DSC00612.JPG



Imaged by Heritage Auctions, HA.com

<https://www.artnet.de/WebServices/1images/1791481d4Y6hJFgBQ82CIDrCWQHPKc34pF/wedgwood-wedgwood-porcelain-fairytand-lustre-trumpet-vase.jpg>



https://www.picticking.com/d/4400/pic/t/173828502308_/WEDGWOOD-china-COLUMBIA-IVORY-W726-pattern-Peony-Shape.jpg

VEJA MUITO MAIS em:

https://www.google.com/search?q=wedgwood+porcelain&rlz=1CIEJFA_enBR737BR737&ssrf=ALeKk01ITXV31sBxL_TiGsjakXWERFIQ:1582498581961&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewiY9NbO4uinAbXaILGHtao:ACIO_AlUoAngEAWOBA&biw=1366&bih=625&imgre=b1JQB16NvY

INFORMES

PRÓXIMA REUNIÃO do FÓRUM INTERSINDICAL

Dia 28/02/2020 - 6ª feira - 09:30 às 13:00h

Oficina Temática

- Debate Coluna Opinião e Boletins Informativos do Blog
- Programação Compartilhada: Curso de Formação Intersindical Saúde-Trabalho-Direito: Formato / Conteúdo / Duração / Periodicidade / Locais / Oficinas e Atividades Associadas / Coordenação Colegiada / Etc...

LOCAL: Sindicato dos Bancários RJ
Avenida Presidente Vargas – 502 – 21º andar
Centro, Rio de Janeiro - RJ

Fórum Intersindical
FormAÇÃO
InformAÇÃO
TransformAÇÃO
AÇÃO

Marielle
PRESENTE



Fórum Intersindical
Democracia participativa pela saúde no trabalho

Reunião do Fórum Intersindical em 31/01/2020
Oficina Temática: Leituras Caminhantes com Paulo Freire



Foto: Isabella Maio

A primeira reunião do Fórum Intersindical foi uma emocionante celebração à liberdade de pensamento e expressão em companhia de Paulo Freire, dos amigos e camaradas de Goiás, que compuseram a mesa de debates (Eguimar, Ricardo, Bira, Carol e Rodrigo), das amigas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Angela e Eliana), do professor René Mendes da Frente Nacional de Saúde do Trabalhador, dos sindicalistas de sempre, companheiros e razão do Fórum, e tantos e tantas mais que fizeram desse momento um acontecimento único e inesquecível. Fôlego encantador para seguirmos na luta e na resistência...

Acompanhe a
COLUNA OPINIÃO
na página frontal superior do Blog
www.multiplicadoresdevisat.com

Nela você se atualiza diariamente com os temas de interesse da saúde do trabalhador, saúde ambiental, direitos humanos e movimentos sindical e social.

São mais de 50 colunistas com experiência e militância nessas áreas. Dê sua opinião sobre as matérias e sugira novas.

ATENÇÃO VII CURSO INTERSINDICAL SAÚDE-TRABALHO-DIREITO

O curso é oferecido para dirigentes ou pessoas indicadas de instituições sindicais e representativas de trabalhadores. A critério da coordenação poderão ser aceitos alunos e profissionais que estejam trabalhando com o tema do curso. A programação das aulas será concluída na próxima reunião do Fórum (veja anúncio à esquerda). Fique atento ao início do curso de 2020.

Inscrições

cursointersindical@gmail.com
Acompanhe a programação pelo Blog
www.multiplicadoresdevisat.com

ASSISTA todas as OFICINAS TEMÁTICAS
no nosso Canal YouTube. Entre no blog
www.multiplicadoresdevisat.com
e se inscreva!

ATENÇÃO! REAJA!
Pode ser com a mão, com o coração ou com um
simples NÃO!

ENVIE suas FOTOGRAFIAS sobre SAÚDE
do TRABALHADOR para o nosso Boletim
www.multiplicadoresdevisat.com

ATENÇÃO!

Se você tem interesse em escrever um texto sobre saúde do trabalhador para a nossa seção [artigo do mês](#) entre no blog www.multiplicadoresdevisat.com e envie!!

Coordenação:

Luciene Aguiar (doutoranda Ensp/Fiocruz)
Isabella Maio (bolsista)
Marcel Caldas (operador de mídia)
Renato José Bonfatti (Cesteh/Ensp/Fiocruz)
Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (Dihs/Ensp/Fiocruz)

Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito
para a Ação em Saúde do Trabalhador
Av. Brasil, 4036, sala 905, Manguinhos - CEP: 21.040-361
Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223
forumintersindical@gmail.com

Venha para o Fórum Intersindical - Acompanhe nosso Boletim Informativo